

## Participação olímpica de nadadores brasileiros na prova de 50 metros livre

Olympic participation of brazilian swimmers in the 50-meter freestyle event

Participación olímpica de nadadores brasileños en la prueba de 50 metros estilo libre

Recebido: 07/12/2022 | Revisado: 18/12/2022 | Aceitado: 19/12/2022 | Publicado: 22/12/2022

**Iago Barbosa de Oliveira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3292-633X>

Centro Universitário Santo Agostinho, Brasil

E-mail: [tecsegiago@gmail.com](mailto:tecsegiago@gmail.com)

**Alyson Felipe da Costa Sena**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8212-5779>

Centro Universitário Santo Agostinho, Brasil

E-mail: [afdcsl3@gmail.com](mailto:afdcsl3@gmail.com)

### Resumo

A participação olímpica do Brasil na modalidade dos 50 metros livre desde a primeira olimpíada em que esta modalidade foi introduzida em 1988 até a última olimpíada de Tóquio 2020, pode trazer evidências que ajudem a nortear o entendimento da participação esportiva dos atletas brasileiros nesta modalidade. Vários são os aspectos que podem interferir no desempenho dos atletas, tais como: Aspectos físicos, técnicos, táticos e emocionais. Sendo, portanto, importante investigar a consistência da performance brasileira nesta modalidade. Este trabalho teve como objetivo discutir criticamente o desempenho esportivo dos atletas brasileiros em provas de 50 metros livres. Este estudo adota a abordagem quantitativa com análise descritiva é aplicada a fim de observar um fenômeno e as condições, fatos e variáveis que contribuíram para os acontecimentos que estavam relacionados com o fato proposto. Os dados foram obtidos através do site: “<https://olympics.com/olympic-games>”, com informações disponibilizadas pelo próprio Comitê Olímpico Internacional (COI). Entre os quinze melhores tempos, das quatro vezes que os brasileiros subiram ao pódio, três tempos estão entre os melhores sendo que um está no Top-3 de melhores tempos da história desta modalidade em específico, o que mostra uma consistência nos dados de desempenho dos atletas brasileiros. Em um cenário de acentuada desigualdade, o esporte se apresenta como um mecanismo de inclusão social, e que apesar das adversidades, os atletas brasileiros tem demonstrado consistência em resultados olímpicos ao longo da trajetória desta modalidade.

**Palavras-chave:** Natação; Exercício físico; Desempenho atlético.

### Abstract

Brazil's Olympic participation in the 50-metre freestyle since the first Olympics in which this modality was introduced in 1988 until the last Tokyo 2020 Olympics can bring evidence that will help guide the understanding of the sports participation of Brazilian athletes in this modality. There are several aspects that can interfere with the performance of athletes, such as: Physical, technical, tactical and emotional aspects. Therefore, it is important to investigate the consistency of Brazilian performance in this modality. This work aimed to critically discuss the sporting performance of Brazilian athletes in 50-meter freestyle events. This study adopts a quantitative approach with descriptive analysis applied in order to observe a phenomenon and the conditions, facts and variables that contributed to the events that were related to the proposed fact. The data were obtained through the website: “<https://olympics.com/olympic-games>”, with information provided by the International Olympic Committee (IOC). Among the fifteen best times, of the four times that the Brazilians climbed to the podium, three times are among the best, one of which is in the Top-3 of best times in the history of this modality in particular, which shows consistency in the performance data of the Brazilian athletes. In a scenario of accentuated inequality, sport presents itself as a mechanism of social inclusion, and that despite the adversities, Brazilian athletes have demonstrated consistency in Olympic results throughout the trajectory of this modality.

**Keywords:** Swimming; Exercise; Athletic performance.

### Resumen

La participación olímpica de Brasil en los 50 metros libres desde los primeros Juegos Olímpicos en los que se introdujo esta modalidad en 1988 hasta los últimos Juegos Olímpicos de Tokio 2020 puede aportar evidencias que ayuden a orientar la comprensión de la participación deportiva de los atletas brasileños en esta modalidad. Existen varios aspectos que pueden interferir en el desempeño de los atletas, tales como: Aspectos físicos, técnicos, tácticos y emocionales. Por lo tanto, es importante investigar la consistencia del desempeño brasileño en esta modalidad. Este trabajo tuvo como objetivo discutir críticamente el desempeño deportivo de los atletas brasileños en pruebas de 50 metros libres. Este estudio adopta un enfoque cuantitativo con análisis descriptivo aplicado para observar un fenómeno y las condiciones, hechos y variables que contribuyeron a los eventos que se relacionaron con el hecho propuesto. Los datos fueron

obtidos a través del sitio web: “<https://olympics.com/olympic-games>”, con información proporcionada por el Comité Olímpico Internacional (COI). Entre los quince mejores tiempos, de las cuatro veces que los brasileños subieron al podio, tres tiempos están entre los mejores, uno de los cuales está en el Top-3 de mejores tiempos en la historia de esta modalidad en particular, lo que muestra constancia en los datos de rendimiento de los atletas brasileños. En un escenario de desigualdad acentuada, el deporte se presenta como un mecanismo de inclusión social, y que a pesar de las adversidades, los atletas brasileños han demostrado consistencia en los resultados olímpicos a lo largo de la trayectoria de esta modalidad.

**Palabras clave:** Natación; Ejercicio; Rendimiento atlético.

## 1. Introdução

A qualidade, quantidade e organização das variáveis de treino são fatores que determinam as adaptações induzidas por uma sessão de treino, assim como o volume e a intensidade, e nesta linha de raciocínio as características individuais de cada atleta são um fator importante. Nesse caso, essas variáveis são geralmente aplicadas e programadas pelos treinadores e assim denominadas em conjunto, de carga externa de treinamento (Moreira, 2010; Hickmott et al., 2022).

Na natação as sessões de treino são prescritas tendo como referência algumas variáveis como a distância nadada (volume) ou velocidade de nado (intensidade), e a cada sessão ocorre o aumento gradativo destas cargas de treino, procedimento que é comum na tentativa de melhorar o desempenho dos atletas (Wallace, 2009; Shell et al., 2020). É adequado destacar que nadadores costumemente competem em mais de um tipo de modalidade ao longo de uma competição, variando o ritmo de sua braçada, o que pode influenciar em algum nível o seu rendimento em provas de longa e curta duração (Stewart & Hopkins, 2000).

O ritmo de braçada, pernada, cadência e respiração pode ser melhorado pelo atleta com amadurecimento, que ocorre naturalmente ao longo das diversas sessões de treinamento, conforme o atleta torna-se experiente e compete em diferentes eventos esportivos de maneira sucessiva ao longo de sua vida esportiva (Born et al., 2020; Pla et al., 2021).

Por vezes o contexto histórico da sociedade brasileira, de certa forma despreza aqueles atletas que não conseguem chegar no ponto mais alto do pódio, de tal forma que existe uma desvalorização de medalhas de prata e bronze, deixando de lado as dificuldades de um ciclo olímpico e quão complicado é chegar entre os três melhores colocados de uma modalidade (Rubio, 2006; de Oliveira Jr, 2019). Deste modo, as variáveis citadas anteriormente são ignoradas ao se avaliar o atleta.

Mesmo a conquista de uma medalha olímpica sendo um processo consistente na trajetória da delegação brasileira nesta modalidade, evidenciada ao longo de diferentes ciclos olímpicos, o sucesso olímpico em 2008 promovido pelo Ouro olímpico de César Cielo, resultou no aumento da expectativa por medalhas para os atletas brasileiros de natação nos 50 metros livre da natação. Tendo como ápice deste processo a maneira como César Cielo foi retratado após as olimpíadas de 2012 quando conquistou a medalha de bronze, e a maneira como o atleta Bruno Fratus foi questionado sobre seu desempenho após o quarto lugar em 2012, e o sexto lugar em 2016, até finalmente conseguir subir no pódio.

Este contexto suscita o questionamento de que talvez a expectativa gerada em cima do rendimento esportivo dos atletas de natação do Brasil, não seja compatível com o grau de desempenho dos mesmos. Desta forma, o objetivo deste estudo é discutir criticamente o desempenho esportivo dos atletas brasileiros nas provas de 50 metros livre na natação, desde a origem desta modalidade em 1988 até a olimpíada de 2020, que foi disputada no ano de 2021. Buscando analisar se a participação brasileira nesta modalidade possui consistência, através de evidências que existem na literatura científica para abrir leques de discussão sobre este questionamento.

## 2. Metodologia

Esta pesquisa adotou a abordagem quantitativa com análise descritiva, cuja aplicação busca observar um fenômeno e as condições, fatos e variáveis que contribuíram para os acontecimentos que estavam relacionados com o fato proposto, e o método qualitativo para aprofundar as discussões pertinentes aos fatos observados nos dados quantitativos (Triviños, 1987; Fonseca,

2002; Thomas et al., 2002).

Os dados foram obtidos através do site: “<https://olympics.com/olympic-games>”, com informações disponibilizadas pelo próprio Comitê Olímpico Internacional (COI), com as marcas de desempenho esportivo dos oito melhores atletas de cada edição desde a primeira vez que o nado olímpico de 50 metros foi adotado, portanto, Seul 1988, até a edição de 2020 em Tóquio, que foi disputada oficialmente em 2021. Ademais, para resposta de possíveis questionamentos levantados e baseados nos dados observados foi realizado o levantamento histórico de dados, e informações que em entrevistas e sites de notícia que relataram tais fatos na época em que ocorreram.

Os dados da Tabela 1 foram apresentados como média e desvio padrão da média, coeficiente de concordância, valor de significância e se os dados daquele ano foram paramétricos ou não. O teste de normalidade dos dados adotado para determinar os procedimentos estatísticos adequados para os conjuntos de dados do estudo (Kolmogorov-Smirnov). Para comparar os desempenhos por ano foi utilizado o teste de ANOVA de uma via (ANOVA One-way). O nível de significância adotado em 5%. Estes procedimentos foram realizados por meio do software Sigma Plot, versão 11 (Sigma Plot Software Inc, USA).

### 3. Resultados e Discussão

Para identificar o contexto da participação brasileira nesta modalidade, primeiramente foi realizada a compilação dos os oito melhores tempos de cada atleta que disputaram a prova final desde o surgimento da mesma em 1988, nas Olimpíadas de Seul, até as Olimpíadas de 2020 disputada em Tóquio. A escolha pelos oito melhores tempos foi realizada por tratarem-se de todos os atletas que estavam na competição e poderiam, portanto, disputar as três primeiras posições.

**Tabela 1** – Oito melhores tempos nos 50 metros livre por ano entre 1988 e 2020

RANKING	1988	1992	1996	2000	2004	2008	2012	2016	2020
1°	22,140	21,910	22,130	21,980	21,930	21,300*	21,340	21,400	21,070
2°	22,360	22,090	22,260	21,980	21,940	21,450	21,540	21,410	21,550
3°	22,710	22,300	22,290*	22,030	22,020	21,490	21,590*	21,490	21,570*
4°	22,830	22,500	22,330	22,110	22,080	21,620	21,610	21,680	21,600
5°	22,840	22,500	22,590	22,220	22,110	21,640	21,780	21,740	21,720
6°	22,880	22,520	22,680	22,240	22,180	21,650	21,800	21,790	21,720
7°	23,030	22,540	22,720	22,410	22,260	21,670	21,820	21,790	21,780
8°	23,150	22,730	22,730	22,510	22,370	21,720	21,980	22,080	21,790

Legenda: \* = Tempos dos atletas brasileiros que subiram ao pódio. Fonte: Elaborado pelos Autores (2022).

Desde o surgimento desta modalidade em 1988 até a edição de 2020, houveram 9 disputas, das quais cada grupo de oito atletas que chegou a final, poderia disputar as três possibilidades de medalha, portanto, foram existiram 27 possibilidades de pódio, e neste contexto os atletas brasileiros conseguiram quatro conquistas, sendo elas, uma de Bronze em 1996 com Fernando Scherer, um ouro e um bronze, respectivamente em 2008 e 2012 com César Cielo, e um bronze em 2020 com Bruno Fratus, portanto, representando 14,82% de participações em pódios, dentre as possibilidades existentes.

Observando que de 9 oportunidades olímpicas de estar no pódio, o Brasil teve seus atletas classificados entre os melhores da modalidade em pelo menos 4 oportunidades, os atletas brasileiros lograram êxito e estiveram no pódio em 44,44% das vezes que era possível.

Na Tabela 2 a seguir, estão os dados referentes a normalidade dos dados, ou seja, se entre os tempos dos oito competidores em cada ano haveria uma relação de distribuição normal. De tal forma que seja possível observar se existia algum nível de discrepância entre os dados, e se os competidores se aproximavam em suas marcas de tempo.

**Tabela 2** – Dados descritivos do desempenho dos tempos na prova de 50 metros livre entre 1988 e 2020

Ano	Coefficiente de concordância	Valor de P	Média	Desvio Padrão	Resultado
1988	0,916	0,397	22,743	0,337	Paramétrico
1992	0,903	0,307	22,386	0,269	Paramétrico
1996	0,874	0,166	22,466	0,239	Paramétrico
2000	0,911	0,358	22,185	0,198	Paramétrico
2004	0,954	0,754	22,111	0,154	Paramétrico
2008	0,890	0,232	21,567	0,141	Paramétrico
2012	0,966	0,868	21,683	0,201	Paramétrico
2016	0,921	0,440	21,672	0,231	Paramétrico
2020	0,768	0,013	21,6	0,233	Não paramétrico

Fonte: Elaborado pelos Autores (2022).

Após a testagem da normalidade dos dados, todos foram considerados paramétricos, exceto pelo ano de 2020. Analisando cada tempo ano, uma possível explicação para explicar esta diferença de resultados, se dá pelo fato de que os atletas olímpicos tiveram uma diferença média entre si menor a que se observa em anos anteriores, e em relação ao desempenho dos oito competidores deste ano.

Fato este que pode ser explicado, por duas situações específicas: Devido a pandemia global de Covid-19, o ciclo olímpico foi de certa forma alterado, e a competição ocorreu apenas em 2021, dando a estes atletas em um determinado período de tempo um período de descanso para que os mesmos pudessem reduzir as cargas de treinamento, mas que por outro lado, deu-lhes também um ano a mais de preparação, pois a olimpíada de 2020 foi disputada em 2021, de tal maneira que mesmo com o período de pandemia, observa-se que a média dos resultados foi mais próxima entre si (21,6s em média), que em anos anteriores.

Os autores deste estudo destacam que esta é uma possibilidade de resposta, abrindo espaço a outros estudos verificarem este padrão de comportamento em outras modalidades esportivas, para que esta lacuna possa ser fechada ou até mesmo eventualmente discutida, sobre as repercussões e implicações disso para os ciclos olímpicos.

Ao todo, 72 atletas ao longo de diferentes anos disputaram a possibilidade de subir ao pódio na prova dos 50 metros livres, desta maneira, foram compilados os 15 melhores tempos, que representam cerca de 20,83% das melhores marcas possíveis nesta modalidade, dados estes que estão dispostos a seguir na Tabela 3.

**Tabela 3** – Relação dos 15 melhores tempos na prova de 50 metros livre entre 1988 e 2020

Posição	Tempos	Ano
1	21,070	2020
2	21,300	2008
3	21,340	2012
4	21,400	2016
5	21,410	2010
6	21,450	2008
7	21,490	2008
8	21,490	2016
9	21,540	2012
10	21,550	2020
11	21,570	2020
12	21,590	2012
13	21,600	2020
14	21,610	2012
15	21,620	2008

Fonte: Elaborado pelos Autores (2022).

Percebe-se pela tabela 3, que entre os quinze melhores tempos existem três atletas brasileiros, destaca-se também que os atletas brasileiros conquistaram medalhas quatro vezes, e um atleta brasileiro está no Top-3 de melhores tempos da história desta modalidade em específico. Os tempos em questão são os que estão na posição dois, onze e doze. É interessante destacar que nenhum resultado anterior a 2008 manteve-se entre os melhores tempos, a possível explicação disso, pode estar relacionada a evolução dos métodos de treinamento, sugere-se que sejam realizados estudos para contemplar esta lacuna científica.

Na tabela 4, estão os dados referentes a participação dos países por continente. A América do Norte apenas em 2008 não possuiu dois atletas entre os oito melhores tempos olímpicos, sendo este continente representado exclusivamente pelos Estados Unidos da América.

**Tabela 4** – Relação dos oito melhores atletas por continente entre 1988 e 2020

Continente	1988	1992	1996	2000	2004	2008	2012	2016	2020
África	0	0	1	0	2	1	1	1	0
América Central	0	0	1	0	0	0	1	0	0
América do Sul	0	0	2*	0	0	1*	2*	1	1*
América do Norte	2	2	2	2	2	1	2	2	2
Ásia	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Europeu	5	5	1	6	3	3	1	4	5
Oceania	1	1	0	0	1	2	1	0	0

Legenda: \*Anos em que o Brasil conquistou medalha. Fonte: Elaborado pelos Autores (2022).

Em todas as oportunidades que subiu ao pódio, o Brasil foi o único representante sul-americano entre os três melhores tempos, e apenas no ano de 1996 havia outro país da América do Sul entre os oito melhores tempos, neste caso a Venezuela. O que mostra de certa forma a representatividade do Brasil nesta modalidade para a América do Sul.

Consistentemente a Europa teve ao menos um representante entre os oito melhores tempos, possivelmente isso se dá pela quantidade de países que fazem parte deste continente, aumentando consideravelmente a probabilidade estatística de um pódio em relação aos outros continentes. Em relação a Oceania, apenas a Austrália representou este continente entre a elite dos

nadadores dos 50 metros livres, e apenas uma vez a Ásia teve um representante entre os melhores tempos, sendo este país a China.

No continente Africano, apenas a África do Sul conseguiu ter atletas entre as oito melhores marcas nesta modalidade com exceção do ano de 2004 em que a Argélia também conseguiu figurar na final. Na América Central os únicos representantes foram: Porto Rico em 1996, e Trinidad e Tobago em 2012. Sugere-se também a realização de estudos que busquem explicar a realidade do investimento esportivo nesta modalidade em outros continentes, afim de entender por qual razão existem nações que consistentemente sempre estão entre os oito melhores tempos.

Na tabela 5, temos os dados de nacionalidade, onde deve-se lembrar que devido a processos geopolíticos alguns países tiveram sua unidade territorial modificada por conta de eventos que ocorreram após a Segunda Guerra Mundial, como é o caso da Alemanha Oriental, das Equipes Unidas, que tiveram esta nomenclatura dada pelo COI por conta da dissolução do bloco antigamente denominado como União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

**Tabela 5** – Relação da nacionalidade dos oito melhores atletas entre 1988 e 2020.

Colocação	1988	1992	1996	2000	2004	2008	2012	2016	2020
1º	USA <sup>1</sup>	EUN <sup>4</sup>	Rússia	USA <sup>1</sup>	USA <sup>1</sup>	Brasil	França	USA <sup>1</sup>	USA <sup>1</sup>
2º	USA <sup>1</sup>	USA <sup>1</sup>	USA <sup>1</sup>	USA <sup>1</sup>	Croácia	França	USA <sup>1</sup>	França	França
3º	URS <sup>2</sup>	USA <sup>1</sup>	Brasil	Holanda	RSA <sup>5</sup>	França	Brasil	USA <sup>1</sup>	Brasil
4º	Suíça	França	China	Itália	Suécia	Austrália	Brasil	GBR <sup>7</sup>	USA <sup>1</sup>
5º	Suíça	RSA <sup>5</sup>	RSA <sup>5</sup>	Polônia	USA <sup>1</sup>	USA <sup>1</sup>	USA <sup>1</sup>	Ucrânia	GBR <sup>7</sup>
6º	URS <sup>2</sup>	GBR <sup>7</sup>	USA <sup>1</sup>	Rússia	Austrália	Austrália	RSA <sup>5</sup>	Brasil	Grécia
7º	FRG <sup>3</sup>	EUN <sup>4</sup>	Venezuela	GBR <sup>7</sup>	Ucrânia	RSA <sup>5</sup>	TTO <sup>8</sup>	RSA <sup>5</sup>	Itália
8º	Austrália	Alemanha	PUR <sup>6</sup>	Ucrânia	Argélia	Suécia	Austrália	Lituânia	Holanda

Legenda: 1 = Estados Unidos da América; 2 = União das Repúblicas Socialistas Soviéticas; 3 = Alemanha Ocidental; 4 = Equipe Unificada; 5 = África do Sul; 6 = Porto Rico; 7 = Reino Unido; 8 = Trinidad e Tobago. Fonte: Elaborado pelos Autores (2022).

Há uma certa diversidade de países entre os oito melhores tempos desta modalidade, contudo, há sempre ao menos um representante norte americano, historicamente o continente asiático possui grandes dificuldades nesta prova, tendo figurado apenas uma vez entre os melhores. Por sua vez a América Central só esteve entre os melhores duas vezes. O continente europeu consistentemente sempre possuiu representantes entre os melhores tempos, e na América do Sul há um domínio de atletas do Brasil no pódio. E a Oceania tem na Austrália sua grande potência.

É necessário analisar o aspecto do desempenho brasileiro sobre o prisma da dificuldade que vai além das variáveis de desenvolvimento esportivo específicas dos atletas, como a formação e a qualidade dos treinadores que são aspectos fundamentais para um atleta obter excelentes resultados, isso conta como um suporte da equipe que está auxiliando o mesmo (Jorge *et al.*, 2019).

A medalha representa toda a dificuldade que é a conquista de se chegar ao pódio independentemente de qual cor fora obtida, em 1996 por exemplo, Fernando Scherer para chegar à medalha de bronze, teve que disputar horas antes da final uma competição de desempate para se qualificar para a disputa com os oito melhores competidores, e enfim sagrar-se o primeiro sul-americano campeão nesta modalidade (Folha, 1996).

Neste caso, evidencia-se a capacidade mental do atleta de resistir a momentos de pressão mesmo em situações adversas, ou seja, a equipe multiprofissional é essencial neste momento, para manter a condição psíquica que irá permitir que o atleta foque na competição e que contratempos não interfiram em seu desempenho (Low *et al.*, 2021).

As boas instalações de treinamento, estrutura física de qualidade, um total apoio para atletas, um conjunto de pessoal de apoio especializado para o trabalho do treinador, e integração entre programas de preparação para o treinamento e competição formam um conjunto que irão somar bons resultados aos atletas olímpicos (Cid *et al.*, 2016; Szájer *et al.*, 2019).

Em 2008 por exemplo, o atleta César Cielo, basicamente fez a sua preparação para as olimpíadas com suporte da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA), onde passou anos treinando e morando nos Estados Unidos da América, que nesta oportunidade teve como treinador o Australiano Brett Hawke, ressaltando que no ano anterior, após os resultados positivos no panamericano de 2007, que este atleta definitivamente se profissionalizou, portanto, não se tratava necessariamente de um atleta construído para tal finalidade, e sim um talento bruto lapidado de maneira tardia (Folha, 2008).

Evidenciando que existe a necessidade de ampliação da formação e qualificação de treinadores brasileiros e também papel da Federação Internacional de Natação (FINA) incentivar o intercâmbio cultural na formação de seus atletas e treinadores, pois esta ferramenta é importante para o desenvolvimento do esporte tanto em nível nacional, como regional e local. E também ainda há muito que se melhorar em relação a incentivos para a formação de atletas, no sentido de que a renovação de atletas em cada ciclo olímpico é dificultava pela incapacidade de se captar novos talentos, o que de certa forma prejudica o planejamento de novos ciclos olímpicos.

A atuação do Governo Federal no campo da política esportiva é pautada, historicamente, pela isenção de taxas, tributos e impostos para entidades esportivas e apoiadores (Teixeira *et al.*, 2013; Carneiro *et al.*, 2021). Mas isso não é suficiente para garantir a construção de um legado olímpico, pois a construção de legado requer também a elaboração de projetos sociais que incentivem a procura e busca de novos atletas (Carneiro *et al.*, 2021).

Numa visão contemporânea, entende-se que o suporte financeiro, a organização e a estruturação das políticas para o esporte compõem a base para as ações voltadas ao desenvolvimento do esporte de alto rendimento. Porém na realidade, existem muitos casos onde o que é dito em teoria de fato não posto em prática (Teixeira *et al.*, 2013).

Em 2012 por exemplo, o ciclo de preparação olímpica de César Cielo foi cercado de polêmicas como troca de comissão técnica e doping, que o fizeram ser advertido, e até correr risco de não competir por uma imposição da FINA que quis recorrer a Corte Arbitral do Esporte (CAS) buscando impor uma punição de três meses ao atleta (Folha, 2012). Ainda assim neste ano conturbado para a seleção brasileira de natação, Bruno Fratus conquistou o quarto lugar.

De acordo com o depoimento de alguns atletas, os mesmos intitulam que o incentivo do Brasil ao Esporte, poderia ir além das Olimpíadas, ou seja, investir no esporte como política pública, e não apenas nos atletas de alto rendimento, pode ajudar o Brasil a reduzir esta desigualdade (Ferreira *et al.*, 2012; Folle *et al.*, 2015).

O que se observa hoje na realidade esportiva no Brasil não é uma falta de renda no setor, mas sim uma falta de investimento na base. As leis que garantem verbas do setor estão diretamente relacionadas com os esportes de alto rendimento, sendo muito pouca a verba destinada às categorias de base. É um reforço do topo da pirâmide e esquecendo a base na totalidade e a qualidade de vida do cidadão. A pressão esportiva sobre resultados está relacionada também com a falta de cultura esportiva do brasileiro sobre a realidade de um atleta olímpico, onde qualquer resultado que não é a vitória, é considerado um fracasso (Costa, 2019).

A valorização da vitória e do pódio olímpico é importante para que a sociedade consiga entender a importância de se assimilar os sacrifícios que os atletas olímpicos sofrem ao longo de uma jornada olímpica, as pressões que o cotidiano de competição lhes impõe, de tal forma que estar no pódio é uma conquista por si só, independentemente de qual medalha foi obtida. Sugere-se que outros estudos explorem a realidade de investimento em outros países que foram destacados neste estudo para que se entenda como é o processo de formação destes atletas, e para que comparações sejam realizadas.

Bruno Fratus campeão olímpico em 2020, sofreu com depressão após não conseguir ser campeão olímpico tanto em 2012 quando ficou em quarto, como em 2016 ao ficar em sexto nos últimos metros de competição, o atleta inclusive chegou a

cogitar aposentadoria por estar decepcionado com o próprio rendimento (Ramos, 2021). É importante salientar que o atleta estava partindo para o seu terceiro ciclo olímpico, e ainda assim era um dos prováveis candidatos a título pela delegação brasileira, o que também evidencia a dificuldade em renovar os atletas, por carência de captação de atletas talentosos nas categorias de base.

#### 4. Conclusão

Os resultados deste trabalho apontam para uma representatividade dos atletas brasileiros nesta modalidade – quatro pódios em nove possibilidades –, apesar das dificuldades que os mesmos possuem em seu cotidiano de treinamento, uma vez que o resultado esportivo é um conjunto de diversos fatores, como o investimento em formação de atletas, no suporte multidisciplinar, na logística esportiva, na capacidade e formação do treinador e de toda sua comissão técnica e outros fatores situacionais e de treinamento, e mesmo assim os atletas brasileiros conseguem ser o destaque de seu continente nesta modalidade de maneira quase solitária.

Este trabalho possui limitações relacionadas a perspectivas de análise do desempenho de acordo com o contexto histórico de cada olimpíada que cada atleta disputou. Mas abrem-se perspectivas para que outros trabalhos realizem críticas sobre os resultados esportivos dos atletas brasileiros em diversas modalidades, para entendermos a repercussão e a importância do sucesso de um campeão olímpico independentemente de que medalha o mesmo conquistou. Ou seja, como seu desempenho olímpico mudou a realidade em que ele se insere? Qual legado aquela conquista proporcionou.

Cabem também discussões sobre a preparação de atletas que buscam o índice olímpico desde as categorias de base até a elite, sobre a realidade dos treinamentos, a relação dose-resposta entre o volume, intensidade de treino e frequência do mesmo, a qualificação da equipe técnica, a comparação dos resultados dos atletas brasileiros em competições domésticas e internacionais.

#### Referências

- Born, D. P., Lomax, I., & Romann, M. (2020). Variation in competition performance, number of races, and age: Long-term athlete development in elite female swimmers. *Plos one*, 15(11), e0242442. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0242442>
- Carneiro, F. H. S., Teixeira, M. R., Silva, D. S., Santos, M. R. D., & Mascarenhas, F. (2021). O financiamento federal do esporte de alto rendimento no Ciclo Olímpico e Paralímpico Rio 2016. *Revista brasileira de ciências do esporte*, 43. <https://doi.org/10.1590/rbce.43.e031919>
- Cid, L., Silva, A., Monteiro, D., Louro, H., & Moutão, J. (2016). Paixão, motivação e rendimento dos atletas de natação. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 11(1), 53-58. Acesso em 05 de Dezembro de 2022, em: <https://www.redalyc.org/pdf/3111/311143051006.pdf>
- Costa, L. (2019). Marta versus Neymar. A “Guerra dos Sexos” nos Jogos Olímpicos 2016. *Intercom–Rev Bras Ciênc Comun*, 1-15. Acesso em 05 de Dezembro de 2022, em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1423-1.pdf>
- de Oliveira Jr, E. F. (2019). Do complexo de vira-lata ao multiculturalismo cru. *Revista Científica Doctum Multidisciplinar*, 1(2). Acesso em 14 de Setembro de 2022, em <http://revista.doctum.edu.br/index.php/multi/article/view/280>
- Ferreira, R. M., Penna, E. M., Costa, V. T. D., & Moraes, L. C. C. D. A. (2012). Nadadores medalhistas olímpicos: contexto do desenvolvimento brasileiro. *Motriz: Revista de Educação Física*, 18, 130-142. <https://doi.org/10.1590/s1980-65742012000100014>
- Folha de São Paulo (1996). *Scherer conquista bronze e Popov vence 50 m livre*. Acesso em 05 de Dezembro de 2022, em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/7/26/esporte/9.html>
- Folha de São Paulo (2008). *César Cielo, raia 8*. Acesso em 05 de Dezembro de 2022, em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1408200813.htm>
- Folha de São Paulo (2012). *Cielo fica somente com o bronze nos 50 m livre; Fratus é o quarto*. Acesso em 05 de Dezembro de 2022, em <https://m.folha.uol.com.br/esporte/2012/08/1131261-cielo-fica-somente-com-o-bronze-nos-50-m-livre-fratus-e-o-quarto.shtml>
- Folle, A., Nascimento, J. V. D., & Graça, A. B. D. S. (2015). Processo de formação esportiva: da identificação ao desenvolvimento de talentos esportivos. *Revista da Educação Física/UEM*, 26, 317-329. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i2.23891>
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC. [https://blogdageografia.com/wp-content/uploads/2021/01/apostila\\_-\\_metodologia\\_da\\_pesquisa1.pdf](https://blogdageografia.com/wp-content/uploads/2021/01/apostila_-_metodologia_da_pesquisa1.pdf)
- Hickmott, L. M., Chilibeck, P. D., Shaw, K. A., & Butcher, S. J. (2022). The effect of load and volume autoregulation on muscular strength and hypertrophy: a systematic review and meta-analysis. *Sports medicine-open*, 8(1), 1-35. <https://doi.org/10.1186/s40798-021-00404-9>

- Jorge, G. M., Werneck, F. Z., Soares, E. R., Sousa, M. D., Oliveira, G. T., Lisboa, A. L. R., & Ferreira, R. M. (2019). Carreira esportiva de nadadores: o que, onde e por quanto tempo nadar?. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 17(2), 47-55. <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n2.p47>
- Low, W. R., Sandercock, G. R. H., Freeman, P., Winter, M. E., Butt, J., & Maynard, I. (2021). Pressure training for performance domains: A meta-analysis. *Sport, Exercise, and Performance Psychology*, 10(1), 149. <https://doi.org/10.1037/spy0000202>
- Moreira, A., Freitas, C. G. D., Nakamura, F. Y., & Aoki, M. S. (2010). Percepção de esforço da sessão e a tolerância ao estresse em jovens atletas de voleibol e basquetebol. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 12, 345-351. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2010V12N5P345>
- Pla, R., Leroy, A., Raineteau, Y., & Hellard, P. (2021). International Swimming League: Do Successive Events Lead to Improve Swimming Performance?. *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 1(aop), 1-4. <https://doi.org/10.1123/ijsp.2021-0375>
- Ramos (2021), R. *Principal nome da natação brasileira, Bruno Fratus busca o 1º pódio em Olimpíadas*. Acesso em 05 de Dezembro de 2022, em <https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/principal-nome-da-natacao-brasileira-bruno-fratus-busca-o-1-podio-em-olimpiadas.560379b6d6536919218a1e3d471b5d69gjl1mnx4.html>
- Rubio, K. (2006). O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, 18, 86-91. <https://doi.org/10.1590/s0102-71822006000100012>
- Shell, S. J., Slattery, K., Clark, B., Broatch, J. R., Halson, S., Kellmann, M., & Coutts, A. J. (2020). Perceptions and use of recovery strategies: Do swimmers and coaches believe they are effective?. *Journal of sports sciences*, 38(18), 2092-2099. <https://doi.org/10.1080/02640414.2020.1770925>
- Stewart, A. M., & Hopkins, W. G. (2000). Consistency of swimming performance within and between competitions. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, 32(5), 997-1001. <https://doi.org/10.1097/00005768-200005000-00018>
- Szájer, P., Tóth, L., Szemes, Á., Nagy, N., Zala, B., Köteles, F., & Szabo, A. (2019). A comparative analysis of national Olympic swimming team members' and para-swimming team members' psychological profiles. *Cognition, Brain, Behavior*, 23(4), 299-311. <https://doi.org/10.24193/cbb.2019.23.17>
- Teixeira, M. R., Matias, W. B., & Mascarenhas, F. (2013). O financiamento do esporte olímpico no Brasil: uma análise do ciclo de Londres (2009-2012). *Revista de Ciências Sociais (CI)*, (31), 86-110. Acesso em 05 de Dezembro de 2022, em <https://www.redalyc.org/pdf/708/70829847006.pdf>
- Thomas, J. R., Nelson, J. K., & Silverman, S. J. (2002). *Métodos de Pesquisa em Atividade Física*. Artmed Editora.
- Triviños, A. N. (1987). Pesquisa qualitativa. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 116-173.
- Wallace, L. K., Slattery, K. M., & Coutts, A. J. (2009). The ecological validity and application of the session-RPE method for quantifying training loads in swimming. *The Journal of Strength & Conditioning Research*, 23(1), 33-38. <https://doi.10.1519/JSC.0b013e3181874512>